



Zagallo jamais perdeu jogo na capital do país a serviço da Amarelinha. Desfiles com taças e CPI marcaram as idas e vindas ao DF

Brasília virou casa de festas

MARCOS PAULO LIMA

Mário Jorge Lobo Zagallo deixa o planeta bola, aos 92 anos, sem jamais ter sido derrotado em um jogo na capital do país pela maior paixão da vida dele: a Seleção Brasileira. Foram muitas idas e vindas a Brasília no papel de técnico da Amarelinha, como ele costumava chamar o manto pentacampeão mundial. Das cinco estrelas bordadas no escudo da CBF, o alagoano ajudou diretamente a bordar quatro.

Em 21 de abril de 1974, Zagallo veio a Brasília enfrentar o Haiti antes da Copa do Mundo da Alemanha. A Seleção goleou o adversário da América Central por 4 x 0 com gols de Paulo Cezar Caju, Rivellino, Marinho Chagas e Edu no aniversário de 14 anos da cidade. O velho Mané Garrincha havia sido reinaurado um mês antes, na vitória do Corinthians contra o Ceub, por 2 x 1, e o estádio no Eixo Monumental ainda se chamava Governador Hélio Prates da Silveira.

Vinte e dois anos depois, Zagallo retornou ao Distrito Federal para comandar a Seleção Olímpica em um amistoso contra a Bulgária. Fominha, o Velho Lobo acumulava os cargos de técnico da principal rumo à Copa de 1998, e da Sub-23 para os Jogos de Atlanta-1996. O atacante Sávio marcou os dois gols da vitória contra a seleção do Leste Europeu, no Mané Garrincha.

A exibição inesquecível do Brasil em solo candango sob o comando de Zagallo, em Brasília, foi em 2 de abril de 1997. A Seleção goleou o Chile por 4 x 0 com uma exibição de gala da dupla de ataque formada por Romário e Ronaldo. Cada um dos integrantes da dupla Ro-Ro fez dois gols na capital. Zagallo comandou a Seleção pela última vez, em Brasília, na vitória por 3 x 0 contra o País de

Claudio Versiani/CB/D.A Press



Zagallo desfilou no DF com as taças da Copa de 1994 e de 1970. Em 2000, bateu boca com Aldo Rebelo na CPI da CBF/Nike na Câmara dos Deputados



Carlos Moura/CB/D.A Press

“Vocês vão ter que me engolir!”

Desabafo do Velho Lobo depois de conquistar a Copa América de 1997 na altitude de 3.600m de La Paz, na Bolívia

Rebelo (PCdoB) e teve o microfone cortado depois de ter sido acusado de enviar uma carta em parceria com Vanderlei Luxemburgo solicitando que a CPI não fosse instaurada. O Velho Lobo desafiou os parlamentares. “Eu continuo negando, quero ver a carta. Vamos ver quem tem moral aqui dentro. Eu não sou desonesto”, gritou. Rebelo tirou o som do microfone do técnico. “Nós não vamos levar grito de Zagallo nem de ninguém aqui dentro. Nós temos moral, sim”, disse à época Eduardo Campos (PSB-PE), que morreu em 2014. “Ele não está à beira de um campo de futebol, onde possa gritar”, completou Dr. Rosinha (PT-PR) à época. Na verdade, a CBF contestou a CPI e anexou declarações de Zagallo e Luxemburgo.

Entre tapas e beijos, o único tetracampeão da Copa do Mundo voltou ao DF outras vezes. Em 2004, para exibir ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva a taça da Copa América conquistada nos pênaltis contra a Argentina. Retornou com a taça da Copa das Confederações de 2005 depois da goleada por 4 x 1 novamente contra a Argentina, na Alemanha. Dois anos depois, aterrissou na cidade com 13 campeonatos mundiais para a celebração dos 50 anos do título da Copa do Mundo de 1958 e visitou a redação do **Correio** com outros heróis da conquista inédita na Suécia.

Gales, novamente no velho Mané Garrincha. Era 11 de novembro de 1997. Zinho, Rivaldo e Rodrigo Fabri decidiram a partida antes da convocação para a Copa das Confederações na Arábia Saudita.

O Velho Lobo retornou a Brasília como coordenador-técnico de Carlos Alberto Parreira em um recital da Seleção contra o Chile nas Eliminatórias Sul-Americanas para a Copa do Mundo de 2006. O

Brasil goleou por 5 x 0 com três gols de Adriano, um de Juan e outro de Robinho. Foi a última aparição de Zagallo na capital fazendo o que amava: servir à Amarelinha.

O único tetracampeão do mundo desfilou pelo Distrito Federal com o caneco na volta para casa como jogador, em 1962 e em 1970 com a Jules Rimet; e coordenador-técnico, em 1994, com a Copa do Mundo Fifa. Só não passou pela

cidade em 1958 porque Brasília estava em construção e a capital do país ainda era o Rio de Janeiro.

Na alegria e na tristeza

As viagens de Zagallo a Brasília não foram somente para festejar. Em 1998, ele amargava o vice na Copa do Mundo depois da derrota por 3 x 0 para a França, mas desembarcou na cidade

com a delegação para a recepção do presidente Fernando Henrique Cardoso. Dois anos depois, foi convocado a depor na Câmara dos Deputados na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da CBF/Nike sobre uma suposta influência da fornecedora de material esportivo estadunidense no trabalho dele.

Zagallo bateu boca com os deputados, especialmente Aldo

Mundo reverencia o maestro

PRISCILA CRISPIM

A importância de Zagallo para o futebol se refletiu em declarações e manchetes de meios de comunicação de diferentes países. O presidente da Fifa, Gianni Infantino, ressaltou que a influência é suprema.

“Em tempos de necessidade, o Brasil olhou para ‘O Professor’ como uma presença calma, um guia e um gênio tático. Ele será lembrado como o padrinho do futebol brasileiro e sua presença fará muita falta para todos no

esporte, especialmente na Fifa. A história da Copa do Mundo não pode ser contada sem Zagallo”.

A sul-americana Conmebol lamentou o falecimento da “lenda do futebol e único tetracampeão” no X (antigo Twitter).

Os maiores veículos de imprensa do mundo, como o americano *The New York Times*, o francês *Le Monde*, o inglês *The Guardian* e o argentino *La Nación* o retratam como “lenda do futebol brasileiro”, lembrando feitos, a personalidade carinhosa e a superstição. “O Brasil assiste ao desaparecimento progressivo da geração de jogadores de futebol que mais alegria e triunfo lhe proporcionaram. A morte de Zagallo ocorre um ano depois que o mundo se despediu

do Rei Pelé”, afirmou o periódico espanhol *El País*.

Amazônia sem árvores

Na visão de Daniel Lagares, editor de esportes do *Clarín*, um dos principais jornais da Argentina, a seleção verde-amarela passa por uma crise terminal que só Zagallo resolveria. “É como se a Amazônia ficasse sem árvores ou o mar engolisse as praias de Copacabana. Um dia após a demissão do técnico Fernando Diniz, Zagallo morreu. Aos 92 anos, o Velho Lobo partiu. Se ele estivesse vivo, certamente o teriam usado para sair do desastre. Mas o Lobo morreu. E o buraco que ele deixa naquela camisa verde-amarela é diretamente proporcional ao seu legado”, escreveu.

Modo criança na redação do Correio

ROBERTO FONSECA
RONAYRE NUNES

“O sempre agitado ambiente de uma redação de jornal ganhou mais movimento com a visita de cinco craques que trouxeram para o Brasil, em 1958, a primeira Copa do Mundo. Os ponteiros esquerdo Zagallo e Pepe, os volantes Zito e Dino Sani e o centroavante Mazzola pegaram de surpresa quase todos os jornalistas do **Correio Braziliense**. O alvoroço reforçado por um alegre grupo de crianças da Escola Nossa Senhora



Perpétuo Socorro (Lago Sul), que conhecia a redação foi espontâneo. ‘É o Zagallo! É o Zagallo’, gritou um dos meninos, ao identificar o mais famoso deles.”

O texto assinado pelos jornalistas José Cruz e Renato Freire, em 25 de junho de 2008, detalhava a visita dos cinco ídolos campeões mundiais em 1958 à capital federal. Eles celebravam os 50 anos

da façanha, com ida a escolas e monumentos de Brasília.

Na entrevista, Zagallo falou sobre o início da arrancada ao título mundial de 1958: “Os adversários não eram estudados do jeito que são hoje. O treinador tinha de confiar no observador. Falou também sobre ter sido treinador na Copa de 1970: “Estava maduro”, disse, arrancando risos.



Artigo

Silvestre Gorgulho

Jornalista e ex-Secretário de Comunicação e Cultura de Brasília

O 13 era sinônimo de fé e sorte

Em junho de 2008, junto com a Embaixada da Suécia, o Governo de Brasília fez uma semana de homenagens aos jogadores da Seleção Brasileira de 1958, que ganharam a primeira Copa do Mundo. Brasília promoveu uma festa inesquecível para 13 (olha o treze, aí) jogadores brasileiros e outros da Seleção vice-campeã, a Suécia.

Vale lembrar que a conquista da primeira Copa do Mundo foi um dos mais importantes marcos da construção da autoestima nacional. Representou um divisor de águas na vida dos brasileiros. Além de ter estimulado conquistas em outros esportes, a construção da nova Capital redescobriu o Brasil do Centro-Oeste.

A vitória dos jogadores campeões de 1958 levou e elevou o nome do Brasil a todos os quadrantes. Apesar do grande reconhecimento público aos Campeões de 58, esses heróis pouco ou nada receberam em termos materiais. Era

uma época de pouca valorização profissional dos atletas.

Numa palestra que os jogadores fizeram no Espaço Renato Russo, para todas as escolinhas de futebol de Brasília, Zagallo, Dino Sani, Mazzola, Zito e Pepe contaram muitas histórias para um auditório totalmente lotado de crianças.

Como mestre de cerimônia, abriu o encontro e fez a primeira pergunta, justamente a Zagallo: “O que vocês ganharam materialmente sendo campeões da Copa de 1958?” “Olha, recebemos muitas homenagens. A gente ganhava US\$ 100 dólares por cada partida. Quando voltamos para o Brasil, ganhamos também uma televisão telefunken, um terno Ducal (vinha com duas calças e um paletó) e acho que mais nada...”

Foi quando Zito interrompeu Zagallo e trouxe uma polêmica para o encontro: “Pera aí... Tem uma coisa importante. Nós fomos recebidos pelo então presidente Juscelino Kubitschek, no Palácio

do Catete e, eu me lembro, ele nos deu um lote. EJK frisou bem, um lote de mansão em Brasília”. Pronto! Começou a discussão. “Verdade! Foi mesmo, lembrou Dino Sani, apoiado por Mazzola”.

Assim, 50 anos depois, Zito logo reivindicou seu lote de mansão. “Uai, como a gente pode buscar esse lote? Silvestre, quanto vale hoje um lote de mansão em Brasília?” Minha resposta foi óbvia: “Pois é, hoje vale muito! Mas nessa época, terra, em Brasília, não valia nada. Brasília era uma utopia. Tanto é verdade que ninguém se interessou. Agora, 50 anos depois, está um pouco difícil”.

E o próprio Zagallo mudou de assunto, com uma frase bem característica: “Os tempos são outros. Estou vendo aqui uns 400 garotos com camisas de vários times. Está ali um grupo de meninos com camisa do Grêmio, do Cruzeiro, do Flamengo, Palmeiras, Fluminense, com camisa do Brasil. Sei que vocês todos estudam. Vou contar uma historinha para vocês.

E Zagallo lembrou um fato que poucos conhecem: “Quereria falar que hoje a camisa da Seleção Brasileira e a bandeira

do Brasil são conhecidas no mundo inteiro. Conhecidas e admiradas. Mas, em 1958, não era assim. Quando chegamos ao hotel, em Estocolmo, o Comitê Organizador da Copa ofereceu um jantar e havia colocado, no jardim do hotel, uma bandeira de cada país participante. Eu não vi a do Brasil. O Nilton Santos, o Mário Trigo, que falava um pouco de inglês, e eu fomos reclamar com os organizadores da Copa. O Comitê não entendia a reclamação e explicava: ‘A bandeira vossa é aquela ali, apontava o sueco’. ‘Aquela não é nossa!’. Deu-se um impasse. Aí, perguntei se tinha alguma enciclopédia. Foram buscar uma Delta-Larrouse. Abriu-se o livro no item bandeiras. E estava lá estampada a nossa certeza: a bandeira hasteada era a de Portugal. Reconhecido o erro, o responsável foi contactar a embaixada brasileira para conseguir nossa bandeira”.

Fico imaginando, hoje, mil bandeiras brasileiras nos estádios... Todos nós somos orgulhosos dessa conquista. Tudo isso graças ao esporte, sobretudo graças ao futebol.

E o Velho Lobo, depois de muitos outros casos, respondendo a perguntas dos meninos, lembrou outro fato para incentivar as crianças na prática do futebol. “Vocês gostam de futebol. E muitos aqui podem ser grandes jogadores e até ganharem muito dinheiro. Mas naquela época era diferente. Poucos sabem, mas quando a Seleção Brasileira se preparava para viajar para a Copa na Suécia, a CBD (hoje CBF) não tinha dinheiro para bancar a viagem. O então presidente João Havelange foi ao presidente da República pedir ajuda. JK conseguiu que o Banco do Brasil fizesse um empréstimo para a CBD”.

No dia 24 de maio, a Seleção Brasileira viaja. O dinheiro ‘cash’ era só para chegar à Itália, onde foram feitos dois amistosos remunerados: um contra a Fiorentina e outro contra a Inter de Milão. Aí, sim, a delegação conseguiu dólares suficientes para chegar à Suécia.

Na Copa de 1958, a Seleção gastou US\$ 40 mil e ganhou o título. Velhos e bons tempos! Hoje um jogador de seleção deve ganhar isso por hora. Mestre Zagallo (treze letras): você fez a vida valer!